

# Olimpíada de Matemática em Goiás



Gisele de Araújo Prateado Gusmão (IME-UFG)  
Ronaldo Alves Garcia (IME-UFG)

## introdução

A *Olimpíada de Matemática* é uma atividade mundial, que teve início no século XIX, na Hungria, e tem como objetivo a resolução de problemas de matemática, destinados às fases iniciais do conhecimento. Ressaltamos que, naquele século, era freqüente as Academias de Ciências promoverem concursos de trabalhos científicos, como, por exemplo, o "Problema da Estabilidade do Sistema Solar", que continua sendo fonte de investigação científica nos dias atuais. Esta prática é ainda hoje cultivada na Europa. No Brasil, são realizadas diversas Olimpíadas Regionais, a Olimpíada Brasileira e, a partir de 1995, a Olimpíada de Maio. Existem também as Olimpíadas Internacional, a Ibero-Americana e a do Cone - Sul. Em todas, o Brasil tem participado e conseguido bons resultados.

A Olimpíada, em Goiás, consiste numa prova de conteúdo e raciocínio de matemática e é destinada aos alunos do ensino fundamental e

médio. A Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) é coordenada pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), sediada no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), no Rio de Janeiro, e é realizada desde 1979. A regional de Goiás é realizada pelo Instituto de Matemática e Estatística (IME), desde 1992.

Neste artigo descrevemos a evolução da Olimpíada de Matemática em Goiás, os objetivos do evento, seu financiamento e as metas a serem alcançadas. Na bibliografia listamos as principais publicações relacionadas a Olimpíada de Goiás.

## objetivos da olimpíada

A Olimpíada tem por objetivo mostrar a importância da matemática no desenvolvimento das ciências, através da resolução de problemas que procuram dar a quem os resolve uma atitude de investigação científica. Desta forma, mostramos aos jovens a necessidade do raciocínio abstrato e do estudo, para o domínio das ciências exatas, biológicas e humanas.

A Olimpíada, em Goiás, tem também o objetivo de ampliar o intercâmbio acadêmico da UFG com as escolas do ensino fundamental e médio, por meio de seus professores, principalmente, durante a preparação de seus alunos, para o desenvolvimento de ações em conjunto, visando a melhoria do ensino da matemática no Estado.

## histórico

A I Olimpíada regional, em 1992, foi realizada em Goiânia, para alunos do ensino médio de todo o Estado. O número de alunos inscritos por escola não foi limitado (ver quadro 1). Nos anos posteriores decidimos limitar o número de inscritos (10 alunos do ensino médio por escolas), que desta forma orientou as escolas a inscreverem apenas os alunos realmente interessados. Isto contribuiu para aumentar o envolvimento das escolas na Olimpíada. Atualmente muitas escolas fazem uma seleção dos alunos e algumas já fazem uma preparação para a Olimpíada antes desta seleção.

Na IV Olimpíada Regional, começamos a realizar provas também para alunos de 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e, por sugestão dos professores, começamos também a enviar para as escolas listas de problemas para auxiliar na preparação dos alunos. Também por sugestões dos professores, começamos a publicar, a partir da V Olimpíada, um caderno com a resolução comentada das provas, que é enviado aos professores cadastrados. Para as escolas cadastradas, além da resolução comentada, enviamos o caderno "Coletâneas de Problemas", que é utilizado para a preparação de seus alunos e como fonte de consulta para os professores interessados em enriquecer suas aulas com problemas suplementares ao livro texto.

Estas publicações deram origem à *Revista da Olimpíada*, que, no primeiro número, contém a resolução comentada da VIII Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás, uma coletânea de problemas e artigos de matemática elementar e algumas notícias sobre as Olimpíadas e atividades do IME.

Na VII Olimpíada, realizada em 26 de setembro de 1998, começamos a realizar provas para alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental. Assim, a partir desta Olimpíada, temos provas do:



- Nível 1 – para alunos de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries, no qual cada escola pode inscrever 5 alunos;
- Nível 2 – para alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries, no qual cada escola pode inscrever 5 alunos;
- Nível 3 – para alunos do ensino médio, no qual cada escola pode inscrever 10 alunos.

O Quadro 1 mostra o número de inscritos durante estes anos. Vale

ressaltar o aumento de 190% da VI para a VII Olimpíada. No número de escolas participantes, houve um aumento de 100% da VI para a VII Olimpíada, que contou com a participação de 146 escolas de todo o Estado (Quadro 2). Atualmente, realizamos as provas nos *campi* da UFG em Goiânia, Catalão, Rialma, Jataí e em Anápolis e Iporá, na Universidade Estadual de Goiás.

Temos trabalhado no sentido de incentivar a participação dos alunos do interior do Estado, principalmente nos *campi* da UFG. Em 1998, fizemos uma premiação local, em Catalão, nos níveis 1 e 2, e, em Rialma, no nível 1, aos alunos que tiveram um bom desempenho nestas regiões.

O Departamento de Matemática do Campus Avançado de Jataí, com apoio da Secretaria Municipal de Educação, promoveu, em 1998, a I Olimpíada de Matemática da Cidade de Jataí.

À medida que esses alunos participam de atividades nos *campi*, como a Olimpíada, a universidade se integra mais à comunidade. Os comentários que os alunos fazem nas provas mostram a importância deste evento.

O desafio que temos pela frente é aumentar a participação de alunos da rede pública de ensino, principalmente dos municípios, que consideramos ainda muito baixa.

Quadro 1 – As Olimpíadas em Goiás

Olimpíada	Número de inscritos			Número de participantes			Total de inscritos n.º	Participantes %
	Ensino fundamental		Ensino médio	Ensino fundamental		Ensino médio		
	Nível 1 5. <sup>a</sup> e 6. <sup>a</sup>	Nível 2 7. <sup>a</sup> e 8. <sup>a</sup>	Nível 3 1. <sup>a</sup> , 2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup>	Nível 1 5. <sup>a</sup> e 6. <sup>a</sup>	Nível 2 7. <sup>a</sup> e 8. <sup>a</sup>	Nível 3 1. <sup>a</sup> , 2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup>		
I – 1992	-	-	588*	-	-	155*	588	26,4%
II – 1993	-	-	106	-	-	63	106	59,4%
III – 1994	-	-	188	-	-	115	188	61,2%
IV – 1995**	-	125	243	-	90	171	368	70,9%
V – 1996	-	246	267	-	152	183	513	65,3%
VI – 1997	-	302	386	-	211	259	688	68,3%
VII – 1998***	523	568	892	374	393	575	1983	67,7%
VIII – 1999	536	557	909	355	346	474	2002	58,7%
IX – 2000	572	588	790	335	328	410	1950	55,0%

\*Sem limite de inscrições por escola.

\*\*Início da participação de alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental – Nível 2.

\*\*\*Início da participação de alunos de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries do ensino fundamental – Nível 1.

**Quadro 2 – Escolas participantes nas Olimpíadas**

Escolas participantes (n.º)	Olimpíada		
	VII	VIII	IX
Pública municipal	10	9	11
Pública estadual	57	57	33
Pública federal	2	3	2
Conveniada	8	5	10
Particular	69	72	66
Escolas de Goiânia	84	75	89
Escolas do Interior	62	71	33
<b>Total</b>	<b>146</b>	<b>146</b>	<b>112</b>

#### atividades no dia da prova

A partir da III Olimpíada começamos a realizar atividades com os professores. Em 2000 esta participação foi de, aproximadamente, 130 professores.

As atividades foram:

• **III Olimpíada (1994):** Mesa redonda – “O Ensino de Matemática em Goiás”, com a participação de vários professores do IME e das redes estadual, municipal e particular de ensino.

• **IV Olimpíada (1995):** Palestras – “A Evolução dos Conceitos de Área e Volume”, com o professor Ronaldo Alves Garcia (UFG), e “A Licenciatura de Matemática na UFG e sua Vinculação com as Escolas do Ensino Fundamental e Médio”, com o professor Mauro Urbano Rogério (UFG).

• **V Olimpíada (1996):** Palestras – “Poliedros”, com o professor Ângelo Barone (USP).

• **VI Olimpíada (1997):** Palestra – “Problemas Olímpicos”, com o professor Carlos Gustavo de A. Moreira (IMPA/RJ).

• **VII Olimpíada (1998):** Palestras – “Problemas de Combinatória”, com o professor Nicolau Saldanha (PUC/RJ), e “O ensino da Matemática”, com o professor Mauro Urbano Rogério (UFG).

• **VIII Olimpíada (1999):** Palestra – “Combinatória não é apenas Contagem”, com o professor Paulo César Pinto Carvalho (IMPA – RJ).

• **IX Olimpíada (2000):** Palestra – “Resolução de Problemas”, com o professor Carlos Gustavo de A. Moreira (IMPA/RJ).

#### classificados

São classificados os alunos que obtiverem os melhores aproveitamentos em cada nível. Estes alunos recebem como prêmios livros doados pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), placas de Honra ao Mérito, e os três primeiros classificados recebem premiações em dinheiro. A partir da VII Olimpíada, os alunos passaram a receber medalhas no lugar de placas de “Honra ao Mérito”. Na VIII Olimpíada, enviamos, para todos os alunos participantes, um certificado de participação. Na IX Olimpíada, os certificados de participação foram entregues no dia da prova. A relação completa dos premiados pode ser obtida na secretaria do IME/UFG (Pasta de arquivos da Olimpíada).

#### divulgação e publicações

Fazemos a divulgação da Olimpíada nos meses de março e agosto, quando enviamos para, aproximadamente, 580 escolas do Estado cartazes e uma carta para o diretor com todas as informações sobre a Olimpíada. Fazemos uma divulgação, também, para, aproximadamente, 410 professores cadastrados no IME.

As publicações foram:

• Em 1996 – Resolução Comentada da V Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás;

Lista Preparatória, que foram enviadas às escolas em 1997.

• Em 1997 – Resolução Comentada da VI Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás;

Coletânea de Problemas, que foram enviadas às escolas em 1998.

• Em 1998 – Resolução Comentada da VII Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás;

Coletânea de Problemas. Estas serão enviadas às escolas em 1999.

• Em 1999 – *Revista da Olimpíada* n. 1, enviada às escolas em 2000.

Em 2001, enviaremos para as escolas e professores cadastrados a *Revista da Olimpíada* n. 02.

#### seminários

A partir de 1996 começamos a realizar os Seminários da Olimpíada, com a intenção de aumentar o contato entre os professores do IME e os do ensino fundamental e médio, das redes públicas e particular interessados em discutir assuntos ligados à Olimpíada.

#### logomarca

Em 1996, realizamos um concurso para a criação da logomarca da Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás. O concurso foi aberto a todos os alunos do ensino fundamental e médio (categoria I), e alunos do ensino superior (categoria II). O aluno Marcelo Batista Lima, do Colégio São Francisco de Assis, de Anápolis, ganhou na categoria I e o aluno Anderson Viana Macêdo, do curso de Artes Visuais, do Instituto de Artes da UFG, foi o ganhador da categoria II. A comissão organizadora do concurso, composta pelas professoras Cecília Fittipaldi Vessani (Instituto de Artes – UFG), Rosane Costa Badan Vessani (Instituto de Artes – UFG) e Gisele de Araújo Prateado Gusmão (Instituto de Matemática e Estatística – UFG), escolheu o símbolo abaixo, ganhador da Categoria II, como a logomarca da Olimpíada, que é usado até

hoje. Segundo o vencedor, "...a letra mais usada em matemática e que melhor a representa é o  $x$ , então o símbolo são 5 letras  $x$  dispostas como os círculos olímpicos e da mesma cor destes".



### **jornadas de matemática e semana olímpica**

O Instituto de Matemática e Estatística (IME) realiza, desde 1994, a "Jornada de Educação Matemática", com apresentação de uma comunicação, painel e duas oficinas sobre a Olimpíada.

A atividade proposta na oficina é a resolução de problemas olímpicos, tanto da Olimpíada regional quanto da brasileira. Nas oficinas de 1999 discutimos também os conteúdos "Congruência" e "Indução" em dois dias de atividades. Nas oficinas oferecidas em 2000, estaremos discutindo problemas olímpicos e a melhor maneira de incentivar os alunos a pensarem sobre eles.

Realizamos, de 13 a 17 de março de 2000, a "I Semana Olímpica". Este evento teve por objetivo oferecer aos alunos, classificados na última Olimpíada, palestras e minicursos.

### **imprensa**

Temos tido a cobertura da Olimpíada por parte da imprensa, de forma não sistematizada. Já foram realizadas divulgações na Rádio CBN, no jornal *O Popular* e no jornal *O Diário da Manhã*. É desejável uma cobertura jornalística mais intensa ao evento, principalmente pela dimensão que o mesmo alcançou.

### **internet**

No site <http://www.mat.ufg.br/eventos/olimpiadas> colocamos à disposição todo o material didático produzido e, também, informações atualizadas sobre a Olimpíada.

### **nossos alunos na olimpíada brasileira de matemática**

Os alunos classificados na VII Olimpíada e os que tiveram um bom desempenho participaram, no dia 24 de outubro de 1998, da 3ª fase da XX Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM). A partir da XXI OBM, esta sistemática mudou, sendo feita como nos outros Estados, isto é, os alunos classificados para a 3ª fase da OBM são os que foram classificados nas 1ª e 2ª fases da OBM, realizadas nas escolas. As escolas têm participado e seus alunos têm conseguido se classificar na OBM.

Nos dias 21 e 22 de outubro, foram realizadas no IME as provas da 3ª fase da XXII OBM, para 83 alunos.

### **sobre as provas**

Em relação às provas, podemos relatar que o aproveitamento tem sido dentro do esperado, com um sensível aumento de aproveitamento dos alunos que estão sendo preparados.

Muitas vezes, ficamos surpreendidos com a clareza com que são resolvidas algumas questões da prova. Quase sempre, a rotulação dos problemas entre fáceis e difíceis não adequada. Os alunos das séries iniciais usam mais o raciocínio, na tentativa de solucionar os problemas, e demonstram mais naturalidade em abordar um problema cujo conteúdo não tenha visto.

A Olimpíada de Goiás não tem a pretensão de procurar "gênios". Nosso objetivo é incentivar todos os alunos a participarem, inicialmente na escola, na etapa de preparação, e, posteriormente, na Regional. As provas são acessíveis, em

princípio, a todos os alunos, mas também são seletivas, sendo duas questões "fáceis", duas "médias" e duas "difíceis".

As provas não são separadas por séries e seus conteúdos não seguem de forma estrita os vistos na escola. Isto se justifica porque não é objetivo da Olimpíada avaliar o ensino e, sim, a criatividade e raciocínio do aluno em problemas não comuns nos livros texto.

### **financiamento**

Em todas as Olimpíadas realizadas, contamos com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática. A partir de 1998, contamos, também, com apoio financeiro do projeto da Olimpíada Brasileira de Matemática, que é financiado pelo CNPq.

As Pró-Reitorias de Extensão e Cultura (PROEC), de Administração e Finanças (PROAD), de Graduação (PROGRAD) e de Assuntos da Comunidade Universitária apóiam a realização da Olimpíada.

### **conclusão**

A evolução da Olimpíada é fruto de um trabalho contínuo e consistente que tem tido a participação crescente de alunos e professores do ensino fundamental e médio. Através da Olimpíada, temos divulgado a matemática e também a ciência básica em todo o Estado. O reflexo desta ação, contudo, não é imediato. Os resultados alcançados até o momento são animadores.

É meta do IME continuar promovendo a Olimpíada e buscar recursos financeiros necessários a sua realização, mantendo como objetivos principais: a melhoria de ensino, a integração com a comunidade e a valorização do saber crítico e científico dos alunos do ensino fundamental e médio. Destacamos, também, que a Olimpíada de Goiás é mais um meio de a universidade estar atuante junto à sociedade, promovendo o estudo e despertando jovens talentos. Esperamos conseguir, a curto prazo, um espaço na imprensa local para uma divulgação regular da Olimpíada.

X

### **referências bibliográficas**

Pasta da Olimpíada de Matemática, Arquivos. Secretaria do IME, UFG.

*Revista da Olimpíada*, Editores: Gusmão, Gisele de Araújo Prateado et alli, IME, UFG, volume 01, 2000.

Gusmão, Gisele de Araújo Prateado et alli. Resolução Comentada da V, VI, VII Olimpíada de Matemática e Coletânea de Problemas. Goiânia, Goiás, 1996, 1997, 1998.

Eureka! n. 1, ...,08 – OBM – SBM.

equipe do Grupo Gwaya – Contadores de Histórias



# Gwaya

## uma experiência mobilizadora<sup>1</sup>

Newton Freire Murce Filho (CEPAE-UFG)

Este texto pretende apresentar alguns resultados do projeto de extensão "Gwaya Contando com Vitória", que teve início em 1999, quando membros do projeto de extensão "Grupo Gwaya - contadores de histórias/UFG<sup>2</sup>", em atuação há

sete anos, se integraram a profissionais do Hospital Araújo Jorge, que atuam na Associação de Combate ao Câncer de Goiás (ACCG), através do *Projeto Vitória*. O objetivo é suavizar a passagem da criança pelo hospital que, normalmente,

pode ser tensa e triste. Essa proposta nasceu da necessidade de intensificar as relações entre a universidade e a sociedade, em benefício de ambas, para o auxílio no atendimento de crianças em tratamento oncológico.

Tal parceria veio enriquecer e ampliar trabalhos anteriormente desenvolvidos pelo Grupo Gwaya e por trabalhadores do referido hospital. Como se sabe, um dos objetivos principais do projeto de extensão Grupo Gwaya consiste no incentivo à leitura. Contudo, o grupo sempre desejou ampliar sua atuação em ambiente hospitalar, por meio da "contação" de histórias. Ao mesmo tempo, psicólogos e voluntários da Ala de Pediatria do Hospital Araújo Jorge também vinham trabalhando a leitura e a produção de histórias com as crianças hospitalizadas (cf. Projeto Vitória, que constitui parte do Projeto Teatrinho da Escada, em Regino (1999). Nossa experiência desenvolvida no ano de 99 e agora, em 2000, tem mostrado que os resultados são muito positivos, não somente para as crianças, mas para nós, profissionais da Educação e da saúde, e mesmo para os pais, que se mantêm junto às crianças, acompanhando o tratamento hospitalar.

Constituem objetivos do projeto os seguintes itens:

- Contribuir para a articulação ensino-pesquisa-extensão, por meio da observação, da análise e da avaliação do trabalho de "contação" e de leitura de

histórias, com crianças portadoras de câncer, em ambiente hospitalar;

- Contribuir para a melhoria da relação universidade-sociedade, por meio de parceria entre profissionais da Faculdade de Educação (UFG), da saúde e de voluntários do Hospital Araújo Jorge, em benefício de crianças portadoras de câncer;

- Suavizar a passagem da criança portadora de câncer pelo ambiente hospitalar, por meio do prazer lúdico da leitura e da "contação" de histórias;

- Investigar novas possibilidades e recursos para a "contação" de histórias;

- Ampliar o trabalho desenvolvido por contadores de histórias e incentivar novas propostas nesse sentido.

<sup>1</sup>Projeto de extensão em andamento, coordenado por Newton Freire Murce Filho.

<sup>2</sup>Projeto desenvolvido pelo CEPAE e pela Faculdade de Letras.

# Espaço Cultural Incentiva Práticas

Nosso trabalho fundamenta-se, principalmente, na noção de que as histórias exercem função muito importante na constituição do sujeito. Afinal, logo ao nascer, a criança já se insere em uma rede de histórias, a começar pelo seu próprio nome: por que determinado nome e não outro? Quem o escolheu? O que significa? (Prieto, 1999, p.13).

Os contos de fadas folclóricos, por exemplo, por possuírem estrutura análoga à vida a ser vivida concretamente pelos homens

<sup>3</sup>O sufismo é a tradição esotérica do islamismo.

(Coelho, 1981, p.80), e por tratarem de problemas humanos

universais, tais como a morte, a velhice ou o desejo de vida eterna, são fundamentais para a maturidade psicológica da criança, pois ajudam a dar algum sentido ao seu "turbilhão de sentimentos" e a encontrar significado na vida. Elas aprendem, assim, passo a passo, a se entender melhor e a se relacionar bem com os outros, de maneira significativa e satisfatória para ambos (Bettelheim, 1974).

Levando isso em consideração, podemos dizer que o contato com esse tipo de literatura implica a constituição do sujeito em bases fundamentais. Desse modo, "ao ler/ouvir, repetidas vezes, um conto de fada, a criança aparentemente passa por contínuos processos de identificação e (des)identificação, que acabam constituindo sua subjetividade, de uma e/ou de outra maneira" (Murce Filho, 1999, p.175).

Além disso, os contos de fadas permitem efeitos de sentido que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. Segundo Bettelheim

(1992, p.14), a "grande mensagem" dos contos de fadas, transmitida à criança de forma múltipla, é que "uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana", mas se a pessoa não se intimida e enfrenta de modo firme as opressões, muitas vezes inesperadas e injustas, é capaz de dominar os obstáculos e triunfar no final. Afinal, não é isso que acontece com os heróis das histórias com os quais as crianças se identificam?

No que diz respeito ao alívio que as histórias podem trazer, Prieto (1999, p.13) nos lembra que, de acordo com a antiga tradição oriental sufi<sup>3</sup>, as histórias alojam a sabedoria, pois "quando uma pessoa enlouquecia, chamava-se um contador de histórias para curá-la". Café (2000, p.50) também conclui que "a palavra na história parece ter um poder mágico, como o dom da cura em uma reza de *mal-olhado*, por exemplo".

Acreditamos na importância das relações que se estabelecem entre sujeito (no caso, a criança) e as histórias com as quais tem contato e nos significantes que se instauram a partir das histórias que capturam o sujeito, significando-o e ressignificando-o. Entende-se, daí, que as histórias mobilizam a criança, possibilitando, ainda que, momentânea ou inconscientemente, ela trabalhe e problematize os sentidos, deixando, assim, de se constituir sob o efeito idelógico das evidências, do já-dado, do pronto ou do estabilizado.

Nessa linha de pensamento, sugerimos que seja oferecido à criança acesso ao maior número possível de histórias e de suas múltiplas interpretações, de maneira

que ela possa se identificar e ser "pega", ou "capturada", por este(s) ou outro(s) efeito(s) de sentido e, conseqüentemente, constituir sua subjetividade com menos limitação. Afinal, impor determinada interpretação como a única ou mais correta restringe não só a questão da produção de efeitos de sentido, mas a própria constituição do sujeito. Isso ocorre na medida em que a subjetividade da criança é aprisionada numa região limitada de sentido, matando o movimento que o (nos) constitui.

Antes de terminar esta parte do texto, é importante pontuar, ainda, conforme Bettelheim (1992, p.27), que a tentativa de explicitar determinados sentidos das histórias à criança, ou dizer por que ela se encanta com uma e não com outra história, significa destruir parte desse encantamento, que tem causa justamente no fato de a criança desconhecer por que se sente maravilhada. Isso implica, também, na perda do potencial da história em ajudá-la a lidar, por si mesma, com o problema que fez, ou faz, a história significativa para ela.



## resultados

O trabalho que temos desenvolvido no Hospital Araújo Jorge tem nos propiciado bastante aprendizado e prazer. Nesse sentido, destacamos a importância de aprender administrar, da melhor maneira possível, as diferentes relações pessoais, seja entre contadores e profissionais do hospital; entre contadores e as crianças ou entre contadores e os pais de crianças, que sempre as acompanham. O prazer está mais ligado à magia e ao encantamento que as histórias sempre proporcionam, além, é claro, do olhar e do escutar que compartilhamos com as crianças e seus pais.

Temos visto também, como positivo, o aprimoramento de nossas maneiras de contar histórias, por meio de diferentes técnicas, tais como o uso de objetos ou de transparências.

É bastante significativo constatar a importância das histórias, principalmente naquilo que refere à mobilização que elas provocam nas crianças, particularmente os contos populares e de fadas. É essa constatação que nos incentiva a continuar estudando e a produzir conhecimento nesse campo de investigação, daí o benefício para a universidade, por meio da pesquisa.<sup>4</sup>

É desse modo que temos observado, por exemplo, que, desde o início do projeto, houve sempre uma expectativa em relação ao dia em que vamos contar histórias. Algumas crianças chegam a passar a semana lembrando, contando e repetindo determinada história que lhes fora mais significativa. Convém lembrar que a repetição tem papel significativo para a criança, pois, através de repetidas leituras ou audições e podendo "ruminar" acerca da história, a criança pode perceber (mesmo inconscientemente) que encontrou êxito em uma situação difícil (Bettelheim, 1974, p.27). Apenas a título de exemplo, vejamos a fala de uma mãe: "Gosto de histórias pequenas, porque minha filha aprende mais rápido e depois repete a história" (Antônia<sup>5</sup>).

Notamos que muitos problemas internos vividos pelas crianças são refletidos e resolvidos nas histórias, o que provoca uma mobilização e uma resignificação interior em seus próprios conflitos, tornando-os

menos dolorosos. Conforme a psicóloga responsável pela pediatria do hospital (Gramacho, 1996, p.122), as histórias têm a capacidade de acalmar a criança, a partir do momento que a retira de uma situação momentaneamente desagradável (soro, dor, depressão, solidão), transportando-a para um mundo de fantasias. As situações difíceis são enfrentadas de uma forma satisfatória, atendendo as necessidades inconscientes. São ilustrativos os depoimentos de duas mães entrevistadas, sobre a capacidade que as histórias têm de acalmar as crianças:

*B<sup>6</sup> - /.../ Qual a reação do Fernando quando ele está nervoso e você começa a contar histórias pra ele?*

**Joana** - No início, ele fica assim, achando que é uma brincadeira pra ele parar de chorar e não ficar emburrado, depois ele começa a gostar e vai entrando na história.

Outra mãe:

**Antônia** - /.../ "Ouvindo histórias o ser humano se permite sonhar, nem que seja por alguns minutos. A vida da gente é estressante. No momento da história a gente não lembra que tem problemas."

No que se refere aos pais, como podemos ver, é interessante observar o prazer que sentem ao ouvirem as histórias e, principalmente, a maneira como vão se apropriando – ainda que inconscientemente – das técnicas para contar histórias, tais como mudanças de vozes para personagens diferentes ou escolhas de entonações apropriadas. As entrevistas e os relatos da psicóloga responsável pela pediatria do

hospital e do artista plástico voluntário Davi Lemos demonstram como os pais se sentem incentivados a contar mais histórias aos filhos: "Eu não tive família. Fui criado praticamente nas ruas. Hoje eu dou a eles [os filhos] o que não tive e contar histórias é uma das coisas que faço porque acho que nessa atitude existe amor" (Pedro, um pai).

Este trabalho, que completa quase dois anos, só está começando. Esperamos poder ampliá-lo, bem como conseguir outros colaboradores, de maneira que possamos, cada vez mais, oferecer aquilo que nem todos possuem e que muitos se esquecem de celebrar, ou seja, saúde e sonho<sup>7</sup>

<sup>4</sup>Encontra-se em andamento a pesquisa *Contar histórias... por quê?* - relações entre linguagem, leitura, o exercício de contar/ouvir/ler histórias e a constituição da subjetividade, coordenada por Newton F. Murce Filho (CEPAE).

<sup>5</sup>Os nomes dos pais e das crianças são fictícios para preservar suas identidades.

<sup>6</sup>B = bolsista. Trata-se da bolsista deste projeto de extensão, Marileide Alves Rocha, que tem contribuído sobremaneira para o nosso trabalho, de maneira competente e a quem agradecemos. É ela a responsável pelas entrevistas com os pais e as crianças no hospital.

<sup>7</sup>Sem ponto final

X

### referências bibliográficas

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CAFÉ, A. B. *Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores*. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas.

COELHO, N. N. *A literatura infantil*. 3. ed. São Paulo, 1984.

GRAMACHO, P. M. O processo de criação de estórias com crianças hospitalizadas. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 42, n. 2, Instituto Nacional do Câncer, p. 121-124, 1996.

MURCE FILHO, N. F. Leitura de contos de fadas transformados: identificação e resistência. *Sínteses*, vol. 4. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 173-186, 1999.

PRIETO, H. *Quer ouvir uma história? : lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999.

REGINO, S. M. Câncer infantil : o importante papel da comunidade nesta luta pela vida. *Informativo JD – Órgão de divulgação do Laboratório Jarbas Doles*. Goiânia, p.1-2, 1999.